

A SEMANA – 242*

17 de janeiro de 1897

Semana de maravilhas, que pincel divino e diabólico a um tempo não seria necessário para reduzir-te a um símbolo? Triste coisa é a rebelião. A loucura é coisa tristíssima. Imaginemos agora a rebelião de loucos que deve ter sido a de anteontem, no hospício de Santiago.¹ Horrível, três vezes horrível. Afirma a agência Havas que os loucos praticaram desatinos. Este pleonasma é a mais dura das ironias que uma agência, seja ou não Havas, pode cometer contra pobres criaturas sem juízo; mas se a intenção do telegrama foi zombar dos ajuizados que se metem a rebeldes, não digo que a ocasião fosse própria, mas, enfim, a notícia é menos crua. Leram naturalmente que a força pública teve de acudir para abafar o movimento, não havendo outro recurso em tais casos, ainda que os revoltosos não tratassem de derribar as instituições políticas. Trocaram-se balas e cabeçadas. Vejo daqui os olhos dos rebeldes, vagos e tontos, e ouço as risadas de mistura com os urros. Um, mais doido que outro, dá em si com as pernas dele, e lança-o acima de um soldado, que o apara na ponta da baioneta; as tripas disparam pela barriga fora, também loucas, também rebeldes...

Em si mesma, a loucura é já uma rebelião. O juízo é a ordem, é a constituição, a justiça e as leis. Se há nele algum tumulto que perturbe a ordem, alguma imoralidade que desafie a justiça, e se as leis nem sempre recebem aquela obediência exata que há nos sonhos de Platão e de Campanella,² tudo isso é passageiro, e, se dura, não dura sempre. A vida não é perfeita, meus irmãos. As mais belas sociedades coxeiam, às vezes, de um pé, e não raro de ambos. Mas coxeiar é uma coisa e quebrar as pernas é outra. A

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 17, p. 1, 17 jan. 1897) e SEM1953 (v. 3, p. 390-396). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Em telegrama enviado de Santiago no 14 de janeiro, e publicado no *Jornal do Commercio* no dia seguinte (ano 77, n. 15, p. 1, col. 5, 15 jan. 1897), lê-se: “Deu-se no hospício desta capital uma revolta dos loucos ali recolhidos contra os seus guardas e enfermeiros. O fato tomou caráter bastante grave, praticando os infelizes revoltados toda a sorte de desatinos, mas a força policial acudiu, dominando a rebelião.”

² Duas utopias: *A República*, de Platão (428-348 a.C.); e *A cidade do sol*, de Giovanni Domenico Campanella (1568-1639).

demência é a fratura das pernas; ou, continuando a primeira metáfora, malucrar é rebelar-se. Que não será uma revolta de alienados?

Ao pé dessa maravilha, tivemos outra de espécie contrária: o tratado de arbitramento entre a Inglaterra e os Estados Unidos.³ Vários grandes homens, inclusive Rochefort,⁴ disseram dele coisas magníficas, e a opinião geral é que a guerra acabou, e que este ato é o maior do século. Para um século que madrugou com sangue e aprendeu a andar entre batalhas, este acabar decretando a paz universal e eterna é, na verdade, uma grande maravilha. Eu, que fui educado na desconfiança dos tratados, confesso que hesitei um pouco. Certo, dois grandes países podem entender-se sobre o modo de dividir os bens do evento, acrescentando que, no presente caso, a vitória de um ou de outro é sempre a vitória da língua inglesa, com mais arcaísmos de um lado ou mais americanismos de outro, Macaulay ou Bancroft,⁵ – numa só palavra, Shakespeare. Nem se trata de aspiração nova; a nossa Constituição a inclui entre os seus artigos, mas aparelha a nação para a guerra. A minha hesitação veio de...

Não digo donde veio a minha hesitação, uma vez que acabou. Sim, a guerra há de extinguir-se; natural é que comece a fazê-lo, e o caminho mais pronto é achar um processo que a substitua. Mas, por que não direi a causa da minha hesitação? Vinha da rapidez do ato. Se fosse milagre, bem; eu aprendi com La Palisse⁶ que o caráter do milagre é ser súbito. Mas este autor, por seus paradoxos, está tão desacreditado que não vale mais crer nele.⁷ E estou que a vitória final da indústria será como as da própria guerra, que tendia a acabar com meia dúzia de batalhas. Oh! a paz do mundo! Bem-aventurados os que a alcançarem, e é natural que sejam duas nações essencialmente industriais. Sim, venha a paz; a guerra será no campo da venda e da compra; eu quereirei comprar barato, tu

³ No *Jornal do Commercio* (ano 77, n. 12, p. 2, col. 1-4, 12 jan. 1897), lê-se: “Assevera-se que dentro em quinze dias estarão ultimadas as negociações para um tratado geral de arbitramento entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha sob as seguintes bases: 1ª, período de cinco anos a partir da troca das ratificações; 2ª, corte arbitral composta de seis juristas, três americanos e três ingleses; 3ª, sujeição a esta corte de todas as questões pendentes, ou que possam levantar-se com exceção da Venezuela e da das pescarias do mar de Behring (sujeitas a tribunais especiais) e incluindo a dos limites entre Alasca e a América do Norte Inglesa. Por enquanto, eis tudo quanto transpira acerca deste momentoso assunto, o qual por si só constituiria a honra da administração Cleveland e que se resolverá pelo mais importante tratado de arbitramento assinado até hoje entre nações independentes.” Stephen Glover Cleveland (1837-1908) foi presidente dos Estados Unidos por duas vezes: 1885-1889 e 1893-1897.

⁴ Victor Henri Rochefort (1831-1913): jornalista, escritor e político francês.

⁵ Thomas Babington Macaulay (1800-1859) era poeta, historiador e político britânico; Hubert Howe Bancroft (1832-1918) era historiador e etnólogo americano.

⁶ Jacques de La Palisse (1470-1525) era nobre e militar francês. John Gledson (2013, p. 275), em nota à crônica “A Semana – 224”, de 13 de setembro de 1896, informa: “Uma verdade de La Palisse é uma verdade óbvia”. Em português, temos “lapalissada” – “afirmação simplória que expressa uma evidência banal, truismo”. (HOUAISS, 2001)

⁷ Não encontramos a informação de que La Palisse tenha sido escritor. “Conta-se que os soldados que ele comandava compuseram em sua honra uma canção em que havia estes versos: O senhor de La Palisse / Morreu em frente a Pavia; / Minutos antes da morte, / Podem crer, inda vivia.” (*Lello universal em 4 volumes*, v. III, p. 24)

quererás vender caro, eis aí um vasto campo de luta, de emboscadas, de fortalezas mascaradas, de feridos e mortos.

Os exércitos serão principalmente os do imposto, e daqui passaria eu a outra maravilha da semana, que é o imposto municipal, se este não tivesse o inconveniente de ser municipal. Hoje estou fora da cidade. Concordo que os novos impostos são grossos e minuciosos, embora com fins declarados e certos, mas o meu espírito hoje é um vagabundo, que não quer parar em nada, menos ainda no Rio de Janeiro. Estou pronto a aceitar os exércitos do fisco, mas como princípio, como regra universal. As maravilhas hão de ser estranhas, como a daquele professor de Berlim, que está fabricando diamantes, e que o imperador visitou esta semana, para ver se o produto artificial vale o natural.⁸ Eu não descreio que a natureza venha a ser deposta e que as maravilhas da arte e da indústria substituam os seus produtos seculares. Um filósofo quer que a aventurina seja a única pedra que é pior natural que artificial; mas, além de não ser mineralogista, podia dizer verdades no seu tempo. Nós caminhamos e ainda havemos⁹ de fazer diamantes como fazemos a sesta. Um amigo meu, há quatro anos, mostrando-me um maço de ações de sua companhia, creio que de S. Lázaro, bradava-me: “Isto é ouro!” Na ocasião pareceu-me que era papel, papel excelente, a impressão boa, as cédulas iguais, tão iguais que davam a impressão de um simples pedaço de madeira. Mas quem impede que ainda venha a ser ouro?

A cativa Bárbara é outra maravilha da semana, se é exato o que nos contou Teófilo Braga, no *Jornal do Commercio*, acerca da nova edição feita das *Endechas a Bárbara*, por Xavier da Cunha, a expensas do Dr. Carvalho Monteiro.¹⁰ Há tudo nessa reimpressão, há para poetas, há para bibliógrafos, há para rapazes. Os poetas lerão o grande poeta, os bibliógrafos notarão as traduções infinitas que se fizeram dos versos de

⁸ Em telegrama enviado de Berlim, no dia 14 de janeiro, e publicado no *Jornal do Commercio* (ano 77, n. 15, p 1, col. 3, 15 jan. 1897), lê-se: “O Imperador visitou o laboratório do professor [Adolf Karl Heinrich] Slaby [1849-1913], onde são produzidos diamantes por um novo processo.”

⁹ caminhamos e ainda havemos] caminhamos ainda havemos – em GN. Nessa passagem, uma vírgula após a palavra “caminhamos” – que, em GN, vem em fim de linha – resolveria o problema sintático. Mas preferimos acatar a lição de Aurélio.

¹⁰ O *Jornal do Commercio* (ano 77, n. 14, p. 1, col. 1-2, 14 jan. 1897) publicou uma carta de Teófilo Braga (1843-1924), enviada de Lisboa, onde se lê: “À Academia das Ciências, em uma das últimas sessões da classe de literatura, foi apresentado, como oferta do seu autor e do generoso editor, um livro, extraordinário sob qualquer aspecto que o consideremos, já pelo assunto, já pela riqueza da forma material, que representa uma das mais simpáticas e expressivas homenagens ao gênio de Camões. Intitula-se o livro *Pretidão de amor*, designação tomada de um verso da *Endecha de Camões a uma cativa por nome Bárbara, com quem o poeta andava de amores, na Índia*. Serviu esta *Endecha*, que tem apenas cinco estrofes, de elemento para um curioso e valioso trabalho do dr. Xavier da Cunha [1840-1920] acerca da personalidade histórica de Bárbara, e ao mesmo tempo para reunir um bom centenar de traduções poéticas em todas as línguas vivas e nas línguas clássicas, que constituem um singular monumento poliglótico, condigno em tudo do gênio de Camões, que de poeta da nacionalidade portuguesa se alevanta como um dos grandes Aedos da humanidade. [...] Foi a expensas do Dr. [Antônio Augusto] Carvalho Monteiro [1848-1920] que se erigiu mais este monumento a Camões; a ele uma parte da glória de uma tão imortal homenagem.”

Camões, desde o latim de todos até o guarani dos brasileiros, os rapazes folgarão com as raparigas da Índia. Estas (salvante o respeito devido à poesia e à bibliografia) não são das menores maravilhas, nem das menos fáceis, muitas lânguidas, todas cheirosas. Quanto às endechas à cativa,

Aquela cativa,
Que me tem cativo,¹¹

como dizia o poeta, essas trazem a mesma galantaria das que ele compôs para tantas mulheres, umas pelo nome, Fuã Gonçalves, Fuã dos Anjos,¹² etc., outras por simples indicações particulares, notando-se aquelas duas “que lhe chamaram diabo”, e aquelas três que diziam gostar dele, ao mesmo tempo,

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joana;¹³

ele concluía que uma delas o enganava, mas eu tenho para mim que era por causa da rima. A Pretidão de Amor¹⁴ (por alcunha) é que certamente lhe era fiel:

Olhos sossegados,
Pretos e cansados.¹⁵

Quanto ao trabalho de Xavier da Cunha e o serviço de Carvalho Monteiro, não há mais que louvar e agradecer, em nome das musas, conquanto não víssemos ainda nem um nem outro; mas a notícia basta.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

¹¹ Dois primeiros versos das “Endechas” a Bárbara, de Camões (2005, p. 446 [redondilhas 7]).

¹² Mulheres a quem Camões dedicou poemas: Fuã Gonçalves (CAMÕES, 2005, p. 451 [redondilhas 11]); Fuã dos Anjos (CAMÕES, 2005, p. 495 [redondilhas 74]).

¹³ Dois primeiros versos da redondilha dedicada “A três damas que lhe diziam que o amavam”. (CAMÕES, 2005, p. 474 – redondilhas 43).

¹⁴ “Pretidão de Amor” (verso 25 das referidas “Endechas” a Bárbara. (CAMÕES, 2005, p. 447 – redondilhas 7) Esse verso foi aproveitado como título – *Pretidão de amor* – na obra organizada por Xavier da Cunha.

¹⁵ Versos 14-15 das “Endechas” a Bárbara, de Camões (2005, p. 447 [redondilhas 7]).

Referências

ARRAES, V. C. A presença britânica na ilha da Trindade: a reação do Parlamento brasileiro. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 39, n.153, p. 241-253, 2002.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 17, p. 1, 17 jan. 1897. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15613>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LELLO UNIVERSAL em 4 volumes. Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro organizado e publicado pela Livraria Lello sob a direção de João Grave e Coelho Neto. Porto: Lello & Irmão, s.d.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.